

FRONDE ESPARSA (1926), DE NARCISO BERLESE: LEITURA E FORMAÇÃO MORAL PARA OS JOVENS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Fronde esparsa (1926), by Narciso Berlese:
Reading and Moral Formation for the Young People of the first Decades of the 20th Century

Rossana Dutra Tasso
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
(IFRS/Campus Rio Grande)

RESUMO

Este trabalho propõe-se a realizar uma leitura crítica da obra *Fronde esparsa*, de autoria de Narciso Berlese. Analisa-se em que medida os textos que ela reúne são representativos de uma educação escolar conservadora e, por essa razão, condizente com o contexto histórico do país no início do século XX. Nesse intuito, resgatam-se trechos da publicação, cotejando-os com o momento de sua produção (o passado), bem como com algumas orientações teóricas voltadas à promoção da leitura nas salas de aula do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: escola; leitura; formação moral; instrução; nacionalismo.

ABSTRACT

This work proposes to carry out a critical reading of *Fronde esparsa*, by Narciso Berlese. It analyzes the extent to which the texts it gathers are representative of a conservative school education and, for this reason, befitting the country's historical context at the beginning of the 20th century. For this purpose, excerpts from the publication are recovered, collating them with the moment of their production (the past), as well as with some theoretical orientations aimed at promoting reading in 21st century classrooms.

KEYWORDS: school; reading; moral formation; instruction; nationalism.

1. Conhecendo *Fronde esparsa* e seu autor

Fronde esparsa é uma obra de cerca de cem páginas, assinada por Narciso Berlese e publicada em 1926, pela Editora Livraria do Globo. Não há como especificar a cidade onde ocorreu a impressão, uma vez que os municípios de Porto Alegre, Santa Maria e Pelotas são citados na folha de rosto da obra. Tampouco há qualquer informação sobre a tiragem e a finalidade da publicação.

Poucas informações há a respeito dessas “folhas dispersas” ou “folhas poéticas”¹, tal como sugere o título. Pesquisas realizadas em meio digital fazem saber que o autor foi um professor que trabalhou no estado do Rio Grande do Sul, sendo desconhecida a localidade onde exerceu o magistério. Em 1935, postulou ingresso à Academia Rio-Grandense de Letras, tendo sido eleito à

¹ Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, versão 3.0, de junho de 2009, o vocábulo “fronde” é um substantivo feminino e tem como acepções (1) conjunto de folhas (e ramos) de uma árvore, (2) folha das pteridófitas, formada por pecíolo e lâmina, (3) talo foliáceo ou laminar de certas algas, líquens e hepáticas e (4) folha das palmeiras. Para “esparsa”, o mesmo dicionário registra que tal palavra pode ser tanto a forma feminina do adjetivo “esparso” (espalhado, solto, disperso) como um substantivo feminino, indicando (1) antiga composição poética, composta em versos de seis sílabas ou (2) pequena composição lírica, sendo, assim, convertida em adjetivo por Narciso Berlese através do processo de derivação imprópria.

cadeira de número 33. Atuou também nessa instituição como segundo-secretário e secretário-geral, até 1941 (LAITANO, 2016). Pela Portaria n. 90, do Diário Oficial da União, de 5 de fevereiro de 1941, tem-se a notícia de que o então inspetor de ensino secundário XV, Narciso Berlese, fora indicado pelo Departamento Nacional de Educação para fazer a supervisão das instalações destinadas à prática de atividades físicas no Ginásio São Francisco, em Rio Grande/RS². Já o *Jornal Diário da Noite*, do Rio de Janeiro (RJ), em edição do dia 03/01/1945, à página 16, noticiou que o inspetor federal de ensino da capital do Rio Grande do Sul, “o íntegro professor Narciso Berlese”, tinha por tarefa supervisionar a aplicação dos exames do “artigo 91”, no Colégio Júlio de Castilhos, quando pôde flagrar uma suposta fraude protagonizada pelo professor de inglês dessa mesma instituição, acusado de divulgar em momento inoportuno os conteúdos da prova³.

Fronde esparsa trata-se de uma coleção de pequenos ensaios, cuja autoria presume-se ser do próprio Narciso Berlese. Tais textos estão agrupados em cinco grandes temas, cada qual representando um capítulo: 1. moral, 2. educação, 3. psicologia, 4. sociologia, 5. literatura e arte. Não há ilustração alguma, nem prefácio ou qualquer menção inicial à figura do suposto público destinatário dos escritos; apenas ao longo dos textos é que ocorrem determinadas formas verbais que aludem aos docentes, aos discentes e aos pais. Em razão dos temas abordados, da formação do autor e do tratamento dados a esses temas, *Fronde esparsa* configura-se como um compêndio de preceitos a serem lidos, apreendidos e vivenciados. Se não um manual didático, tem-se, nesses escritos de Berlese, uma obra de apoio e reforço à educação dos jovens, certamente.



Fig. 1: Reprodução da capa de *Fronde esparsa*

² Conforme dados disponíveis em: www.jusbrasil.com.br/diarios/2157288/pg-17-secao-1-diario-oficial-da-uniao-doude-12-02-1942. Acesso em: 28 fev. 2018.

³ Conforme dados disponíveis em: memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=221961_02&pagfis=26045&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em : 28 fev. 2018.

2. O contexto sócio-histórico-político de *Fronde esparsa*

No contexto mundial, viviam-se as consequências da Primeira Guerra. Havia uma maior liberdade nos costumes, e a arte se reinventava. Os padrões consagrados vinham, aos poucos, sendo contestados e substituídos. Lentamente, os Estados Unidos surgiam como grande potência econômica, ditando tendências de comportamento. O rádio e o cinema, de modo geral, se modernizaram e se expandiram. A chamada “sociedade de consumo”, que viria a se consolidar décadas depois, começava a se desenhar.

Aqui no Brasil, era a época da “República Velha” (1889-1930). O setor industrial se fortalecia, o que, conforme Silva e Bastos (1992), fez emergirem alguns grupos sociais específicos, como a burguesia industrial, a classe média urbana e os operários, que passaram a pressionar o governo central para que tivessem mais participação nas decisões político-econômicas e, inclusive, pudessem desfrutar dos privilégios antes somente destinados às oligarquias cafeicultoras. Em paralelo, os jovens militares do Exército também se voltaram contra a corrupção dos setores mais altos do governo, dando origem ao movimento Tenentista.

Nas artes, em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, ocorreu a Semana de Arte Moderna, movimento diretamente influenciado pelas vanguardas europeias e suas tendências. Velhos modelos culturais, copiados dos colonizadores europeus, passaram a dar lugar à valorização do que era genuinamente nacional – algo que, de imediato, não agradou à maioria da população, ainda despreparada para compreender as intenções desse movimento.

Também em 1922, Artur Bernardes assumiu o governo do país, optando por mantê-lo em estado de sítio. Durante seu mandato de quatro anos, precisou enfrentar muitos conflitos político-militares espalhados pelo país, os quais acabaram por trazer consequências negativas inclusive para a economia, que vinha em ascensão.

Carli (2010) denomina que a República Velha foi um “período de transição”, e as ações no campo da educação foram bastante influenciadas pelo pensamento positivista, conferindo à primazia da ciência a justificativa das decisões. O ensino no Brasil tornou-se laico já na Constituição Republicana, de 1891; porém, não era obrigatório frequentar a escola. A instrução doméstica era bastante comum. Os alunos necessitavam fazer exames para serem admitidos nos níveis superiores.

O Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, era o parâmetro para as demais instituições da época. Começou a estruturar-se, também, o ensino profissionalizante. Em 1909, durante o governo de Nilo Peçanha, surgiram as “Escolas de Aprendizes Artífices”, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito, vinculadas ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. Reformas espalhavam-se pelos estados do país, com a intenção de “tornar o ensino mais eficiente, liberal e democrático, em conformidade com os moldes republicanos” (CARLI, 2010, p. 42). Somente em 1926, com a reforma da Constituição, é que o Estado passou a intervir mais diretamente na educação, para tentar erradicar o analfabetismo, abrandar as disparidades sociais e unificar a nação.

Como se percebe, era conveniente ao Brasil do início do século XX contar com jovens educados conforme os valores do nacionalismo e do cristianismo, a fim de que o novo regime político se consolidasse sem gerar perturbação da ordem. Para esse projeto, *Fronde esparsa* mostrou-se um importante instrumento, tal como destacam as análises a seguir.

3. Os ideais de Berlese em *Fronde esparsa*

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, concentrarei a análise em duas seções de *Fronde esparsa*, a saber: o capítulo 2, que versa sobre educação, ao longo de doze textos, e o capítulo 5, com dezessete reflexões sobre literatura.

Acerca da educação, em termos gerais, é perceptível que o professor Berlese prioriza em seu discurso a importância dos preceitos morais na formação dos cidadãos de bem. No capítulo

dedicado a esse tema, repetidas vezes aparece o vocábulo “moral”. Há, inclusive, à abertura do capítulo, uma epígrafe em língua francesa do pedagogo Edouard Roehrich, na qual é reforçado o pensamento de que o progresso humano está atrelado à perfeição moral⁴. O ensaio que mais concentra o tema da moralidade intitula-se “Eficiência da educação”, do qual seleciono alguns trechos:

Pelos conhecimentos científicos da pedagogia, inferimos que a educação bem dirigida faz o homem melhor, mais feliz e moral. Compreendida na sua alta significação de aperfeiçoamento, leva-o à superioridade moral, à formação de um caráter perfeito. Convenientemente ministrada, opera soberanamente em todos os sentidos, patenteando-nos as magnificências da afeição e da pureza.

Como o seu fim é formar um caráter moral, constante e enérgico, temo-la como modificadora das paixões, das tendências, dos instintos morais, reprimindo, conseqüentemente, os efeitos da hereditariedade, modificando-os.

[...]

Dentro da virtude é uma força poderosíssima. Formando o caráter, despertando a energia moral, remodela pensamentos, diminui o número de delinquentes; acorda os sentimentos afetivos, estimula-os, evitando, assim, os crimes, que apenas se efetuam na carência de equilíbrio mental ou na ausência de piedade.

O esmero da educação inclina o homem à elevação de ideias, de sentimentos e princípios. Impulsiona-o a manifestar com pureza e espontaneidade a sua lei interior; melhora-lhe o *ethos*, a sensibilidade moral. Para a efetivação deste desígnio, releva-nos a decisão do preceito e do exemplo, da ideia e do ato; é imprescindível que o ensino acompanhe o exemplo – fator educativo essencial.

Compreendida na sua verdadeira essência, a educação realiza as melhores obras de amor e virtude. Bem dirigida, como o deve ser, por verdadeiros educadores, orientados pelos conhecimentos da pedagogia, fortificados pela moral, é a salvação do homem, é tudo quanto se manifesta na força aprimorada e na purificação da vida. (BERLESE, 1926, p. 40-41)

A educação, para o professor Berlese, portanto, tem o papel de resgatar a moralidade, fundamental para a vida humana. É do cultivo da moralidade que advêm as demais características psicológicas e intelectuais dos indivíduos, elevando-os à pureza. E, para isso, a exposição a bons exemplos é indispensável.

“Purificados” pela correção dos modelos que a eles se expõem, os educandos não deixarão aflorar algum traço inato que os incentive à crueldade, ou, pior ainda, à prática da criminalidade. Para a nação que necessita contar com cidadãos “do bem” a fim de prosperar, um discurso como o de *Fronde esparsa*, que promova a calma dos ânimos e apazigue a disseminação de conflitos, é bastante útil.

Narciso Berlese não subestima a contribuição da ciência – a pedagogia, no caso – na configuração do caráter. Contudo, faz questão de ressaltar que será a boa instrução, aquela pautada pelo amor, pelo exemplo e pela ponderação, o elemento capaz de abrilhantar os sentidos e, até mesmo, reconduzir bases da “lei interior” que possam vir a tender ao fracasso.

Embora, para Berlese, esteja na educação moral a mola propulsora da elevação humana, parece estranho que o potencial da leitura, nesse processo, não seja mencionado. Há, apenas, um pequeno registro no ensaio de título “Missão do professorado”, no qual Berlese se pronuncia sobre o tipo de leitura a que os estudantes devem ser expostos, mas sem deixar de insistir na difusão da moralidade:

⁴ Segue a epígrafe: “Le développement harmonieux des facultés n’est donc qu’un but partiel ou provisoire, subordonné au seul but digne de nous, qui est la perfection morale. Celle-ci s’impose à tous les hommes et reste identique dans tous les temps” (Edouard Roehrich, *Philosophie de l’éducation*). Em livre tradução ao português: “O desenvolvimento harmonioso das faculdades é, portanto, apenas um objetivo parcial ou provisório, subordinado ao único objetivo digno de nós, que é a perfeição moral. Isso é imposto a todos os homens e permanece idêntico em todos os momentos”.

Na orientação moral do mestre é que se encontra o futuro de um país. [...] A missão do professorado, por isto mesmo, não se resume, absolutamente, na transmissão dos conhecimentos de um compêndio: cabe-lhe uma função mais elevada – a educação da mentalidade, do coração e do caráter. Daqui o valor que ressalta a salvação da criatura humana. [...] O valor do homem não se mede pela sua instrução, mas, incontestavelmente, pelo seu caráter, pela sua formação moral.

[...]

Queimai os livros que ensinam a guerra, a odiosidade, a vingança. Atirai fora as historietas fantásticas, os contos que se aninham nos absurdos do passatempo. Dai aos vossos discípulos os livros que exaltam o trabalho, o amor da família e da sociedade humana; e esforçai-vos para que os compreendam e os sigam.

Assim cumprireis a vossa missão, evangelizadamente, elevando a vossos iguais, contribuindo para a grandeza da nação. (BERLESE, 1926, p. 48)

Como se nota, mais uma vez, a bandeira de Berlese é o reforço da moralidade – neste momento, como decorrência das atitudes e das escolhas dos mestres. Os professores são chamados à responsabilidade que têm na educação de seus discípulos, sendo o ofício docente aproximado à conversão religiosa (vide os termos “missão”, “salvação” e “evangelizadamente”). Em defesa do conservadorismo de valores por consequência do ato educativo, surge no discurso de Berlese o amor à família, à sociedade e à pátria.

Interessante o registro, já há quase cem anos, acerca da insuficiência de uma educação depositária, guiada unicamente pela transmissão de conhecimentos. Trata-se de algo que as teorias pedagógicas atuais também condenam, ainda que, na prática, muitas vezes, seja a postura presente nas salas de aula, influenciada até mesmo pelas propostas dos manuais didáticos.

Entretanto, se Narciso Berlese denota um tom de atualidade ao criticar a prática docente centrada na transmissão de conhecimentos, por outro lado, seu pensamento a respeito do conteúdo das leituras a se fazerem presentes na sala de aula reproduz a ideologia conservadora de seu tempo. Afinal, obras que abordem guerra, ódio e vingança, bem como aquelas que sirvam como entretenimento, apresentando uma feição mais lúdica e fantástica, devem passar longe das salas de aula dos leitores de *Fronde esparsa*. Os assuntos das leituras devem se limitar ao resguardo das regras que orientam ao trabalho, à valorização da família e, por conseguinte, à manutenção da estrutura social tal como estava.

Nas orientações mais recentes, os princípios do exercício da leitura convergem, justamente, para o oposto. Petit (2010) entende que a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina. Em ressonância a isso, as indicações da proposta de letramento literário, estruturadas por Cosson (2014), visam a que a literatura desperte nos leitores a vivência de experiências que, na ausência desse universo de palavras, não seriam experimentadas. Consequentemente, os estudantes devem ser expostos a obras o mais diversificadas quanto possível, sem preconceitos para temas e gêneros. Assim é que as mentes se abrem à reflexão sobre os grandes temas da humanidade – o que inclui, claro, o trabalho, a família, os valores morais e a sociedade, mas sem a estes se circunscrever. O exercício da fantasia, aliás, segundo Zilberman e Silva, é essencial para o desenvolvimento da imaginação:

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências. (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 23)

Pela imaginação, os sujeitos podem antecipar acontecimentos e, logo, atuar com criatividade nas diferentes esferas de sua vida.

A imaginação é libertadora. Contrariamente, o discurso de Berlese para o trabalho com os livros literários parece fomentar a resignação, silenciando qualquer abertura para a criticidade e a autonomia.

Dirigindo-se em especial aos educandos, *Fronde esparsa* registra:

PRECEITOS DOS EDUCANDOS

Pela formação moral e intelectual, pela virtude, pelo cumprimento dos deveres sociais e familiares é que a criatura humana se avanteja dos demais seres, no caminho da vida; e é da escola, compreendida na sua verdadeira significação, que promanam os ensinamentos que nos dignificam e elevam. A escola é uma fonte de benefícios e virtudes. Vede-a, educandos, na luz que vos aclara, transfigurando o que sereis ainda. Considerarei-a o altar de tudo quanto é puro e santo. Frequentai-a assiduamente. Nela está a vossa riqueza, o vosso tesouro. Não vos confieis no que apenas é material. Os faustos do prazer são de vida momentânea.

[...]

Na escola é que encontrais o que é real e duradouro. Respeitai-a, prezai-a. E, amando-a, procurai elevar-vos. Segui o caminho do sublime. Preparai-vos para o dia de amanhã. Fortificai a alma, virtualizai-a.

Sede atenciosos e bons, comedidos e modestos. Respeitai a todos os viventes. Olhai-vos mutuamente. Fraternalizai-vos.

Procurai em tudo enobrecer-vos. Educai-vos sob as maiores virtudes, e exaltai-as, praticai-as, que assim fareis a vossa felicidade e a felicidade da vossa família. (BERLESE, 1926, p. 49-50)

O discurso em prol da moralidade, mais uma vez, se repete nos aforismos de Berlese. O jovem é, sempre quando possível, lembrado pelo mestre quanto à exigência de que se porte dócil, contida e agradecidamente. E a escola seria, nesse sentido, o reduto apaziguador das almas; a leniência ante qualquer centelha de conflito.

A tendência a aproximar a educação à doutrina religiosa ressurgiu na fala destinada aos alunos. Berlese se vale de termos como “luz”, “transfiguração”, “altar” e “santo”, reforçando a ideologia cristã que perpassa em suas concepções. Como fiéis ante as leis divinas, os estudantes são conduzidos a aceitar que têm na educação escolar o provento do que de mais nobre necessitam na formação de seu caráter.

A leitura literária, novamente, não surge no pensamento do autor de *Fronde esparsa* como algo capaz de educar as mentalidades. Em “Preceitos dos educandos”, ela sequer é mencionada como integrante das ações escolares. O enobrecimento e a felicidade dos estudantes (e, por conseguinte, a felicidade de suas famílias, seguindo a tese do professor) demandam a aquisição de ensinamentos morais e intelectuais; entretanto, se a escola é o lugar onde se encontra o que é “real e duradouro”, a imaginação despertada pela pluralidade dos sentidos advindos da palavra literária não encontra respaldo, uma vez que dá acesso, justamente, ao “irreal”. A leitura literária poderia insurgir na argumentação de Berlese para intensificar a ideia de que o ambiente escolar é propício à formação e à prática da virtude, visando à “preparação para o dia de amanhã”. Porém, o professor vê para os livros uma função mais limitada, já que cabe aos estudantes, basicamente, frequentar com assiduidade a escola, por si só reduto de “riqueza” e “tesouro”. Assim, com a alma fortificada, esses jovens poderão servir modestamente à família e à sociedade, sem qualquer estímulo para uma reflexão mais crítica acerca de sua conduta.

Na seção cinco, em que se dedica a abordar mais especificadamente a “literatura”, Berlese a soma à “arte”. Elementos da natureza também se fazem notar repetidamente nos textos, sem o esquecimento da defesa da religiosidade, da moralidade e da submissão. A epígrafe introdutória é de M. Deshumbert. Está em língua portuguesa e destaca o amor à natureza, em tom doutrinário:

“Ama a natureza inteira, sai do teu egoísmo para viver a Vida universal” (BERLESE, 1926, p. 83).

Os preceitos da moralidade vêm incluídos até mesmo na oportunidade em que o professor Berlese discorre acerca da beleza:

BELEZA

A forma pode ser arrebatadora, artística e não ser bela. Pode vir adornada de todos os esplendores da estética, e ser moralmente feia. Frineia é o deslumbramento da formosura, dando inspiração ao cinzel de Praxíteles e à palheta de Apeles, mas encerra as maldosas provocações dos meneios. Salomé atrai, mas com a perversidade na⁵ víbora.

A forma é verdadeiramente bela quando o seu interior espande nos primores do espírito. A grandeza da alma sobrepuja a perfeição da plástica. A beleza reside onde somente há pureza interior. Sabemos quanto é belo o casto amor de nossa mãe oferecendo-nos o ósculo da afeição, sempre carinhosa e boa. (BERLESE, 1926, p. 86)

Na década de 1920, apenas alguns anos após a Semana de Arte Moderna de São Paulo e seus desdobramentos para os movimentos artísticos brasileiros, Narciso Berlese ainda segue defendendo uma perspectiva bastante conservadora para a beleza na arte, ao afirmar que a avaliação do belo está condicionada à não agressão aos princípios da moral. Para o autor, será bela a obra que conduzir à pureza interior, reforçando a castidade e o equilíbrio como imprescindíveis à perfeição estética. O professor traz, inclusive, a figura materna, para ilustrar que beleza e decência andam juntas.

A arte não pode suscitar provocações. Nesse sentido, a conceituação de Berlese acerca da beleza vai ao encontro do que ele já havia indicado no capítulo “Educação”, ao defender que os livros oferecidos aos estudantes pelos professores deveriam versar apenas sobre o amor, o trabalho e a família. A manutenção dos bons preceitos morais deve estar acima de quaisquer outros domínios da atividade humana, como se o alcance simbólico da arte – mais especificadamente, da palavra literária – pudesse ser rigorosamente previsto e controlado. Ratificando tal pensamento, surge, ainda, o seguinte texto:

LITERATURA E MORALIDADE

Não compreendemos literatura sem moralidade. Ideias que descambam em lascívia não dignificam o pensamento humano; não entram, por isto mesmo, no patrimônio espiritual de um povo. O caráter moral é a força suprema da inteligência humana.

A literatura é a expressão das grandes ideias sempre em harmonia com a moral. É a epopeia do espírito que se eterniza. É a sublime irradiação do pensamento. É o fundo tradicional de um povo no que há de significativo e elevado. (BERLESE, 1926, p. 88)

Ou seja, para o professor Berlese, se um livro não fortifica os preceitos morais, ele não pode ser considerado literatura. Inteligência, moral, tradição e espírito são indissociáveis, e as obras literárias que não apregoem esses elementos, em harmonia, devem ser desconsideradas. Se for observado o lugar social a partir do qual se pronuncia Berlese – a classe dos educadores e, nesse caso, dos inspetores de ensino – tal conduta assevera uma postura bastante contrária a qualquer inovação ou contestação ante o estado de coisas previamente estabelecido e conhecido. Se a literatura é a “epopeia do espírito que se eterniza”, segundo o professor Narciso Berlese, não há razão para deixar às futuras gerações algo que possa fazê-las despertar para o diferente; que permita a construção de meios de fuga a uma cidadania apática. A fim de que o pensamento humano se eleve, é preciso, então, somente o alimentar com ideias repetidas – algo que sugere, inclusive, um

⁵ Talvez a melhor preposição fosse “da”, mas preferi manter a notação original.

paradoxo: como voltar-se para o alto se o olhar deve partir de um patamar insistentemente visitado, já consolidado?

Em “Labor e valimento”, o autor de *Fronde esparsa* volta a mencionar o que pensa acerca de uma obra literária de qualidade:

Vigor e merecimento se confirmam no labor constante e virtuoso. A fim de que a obra literária e artística não se ressinta, logo, de espontaneidade, harmonia e força, é preciso não desacostumar o espírito do labor diário; é de vantagem incontestável o exercício em produções cotidianas. E, para que encerre valor perfeito, requer seja vazada no verdadeiro, no bom e no belo. Se for restringida em um ou outro ponto, conterà valor reduzido, relativo, apenas. (BERLESE, 1926, p. 93-94)

Dando continuidade ao modo parnasiano de pensar o fazer literário (aludo, aqui, ao soneto “A um poeta”, de Olavo Bilac, no qual se lê: “Longe do estéril turbilhão da rua, / Beditino, escreve! No aconchego / Do claustro, no silêncio e no sossego, / Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”), o professor Berlese reafirma a necessidade de que a obra literária faça vislumbrar a perfeição, sinônimo de pureza, verdade e virtude. O fazer artístico é um exercício de vigília permanente do artista e, no que tange à literatura, deve ter por objetivo “verdadeiro”, o “bom” e o “belo”. Trazendo tais preceitos para o campo de atuação de Berlese – a educação escolar –, não causa espanto que seus critérios acerca do tipo de literatura que deveria ou não estar presente nas salas de aula da década de 1920 (e, até mesmo, nas futuras) fossem tão arraigados ao propósito de manutenção da ordem social tal como se apresentava. A literatura como estímulo à ampliação do universo do leitor, através da imaginação de outras realidades possíveis, como assinala Todorov (2014), é, no contexto de ação de Narciso Berlese, algo ainda impraticável.

O nacionalismo advindo da pureza do idioma pátrio também foi algo destacado por Berlese:

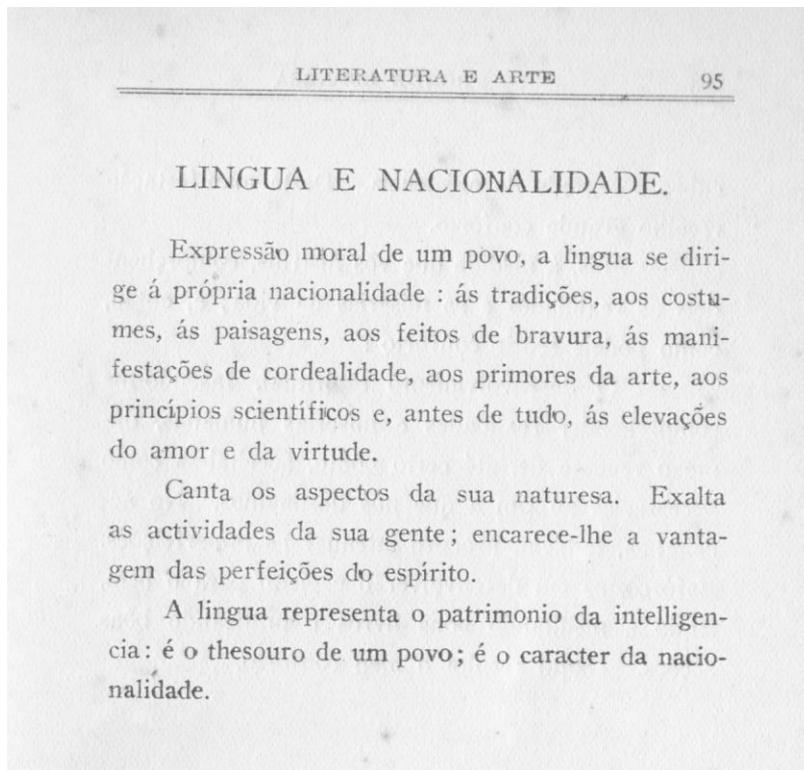


Fig. 2: reprodução de parte da página 95 de *Fronde esparsa*

A conveniência de disseminar entre os jovens a imagem de uma nação independente, de fortes e genuínos valores continua sendo uma atitude importante, anos depois da Proclamação da

República. E as letras, nesse contexto, seguem se mostrando aos educadores como um bom veículo para isso.

Essa obra de Narciso Berlese vem, assim, reafirmar o discurso de que a moralidade de uma nação passa inclusive pela hipervalorização de seu idioma. Para o professor Berlese, a moral e a nacionalidade se reúnem na língua. Desse modo, quando a mente está purificada pelos melhores sentimentos, a língua é capaz de expressar a essência de uma nação, no que tange à sua cultura, à sua história, à sua natureza, às suas artes e, até mesmo, à produção de saberes. Consequentemente, determinados vocábulos devem ser evitados, pois representam estrangeirismos. E estrangeirismos seriam termos impuros, imorais, porque não emanariam nacionalidade.

Para complementar as referências à educação literária em *Fronde esparsa*, trago aqui este recorte:

DIÁLOGO DA VIDA

– Não vos aborreceis de viver dia e noite compulsando livros sobre assuntos tão diversos e árduos?

– Eu compreendo a vida no aperfeiçoamento do espírito. Com a leitura dos bons livros amplio o conhecimento, penetro o interior das coisas e descubro o segredo da existência. Desta manifestação recolho grande conforto.

– Mas, à medida que vos instruí, compreendeis as realidades e misérias da vida; e, então, como podeis sentir conforto?

– O desenvolvimento espiritual, fazendo-me compreender realidades e misérias humanas, dá-me o recurso de, até certo ponto, aceitá-las como necessárias ao fim a que nos destinamos. No aceitá-las, todavia, procuro atenuar as imperfeições. Esforço-me em desenvolver o espírito para o bem, lendo e meditando bons livros e praticando boas ações. Daqui resulta o meu conforto. (BERLESE, 1926, p. 95-96)

Nesse excerto, não se sabe precisamente quem são os interlocutores imaginados por Narciso Berlese. Contudo, é possível perceber nas entrelinhas a manutenção de um discurso em prol da moral e da resignação como virtudes de uma vida em harmonia, isto é, para o bem do espírito. Quando confrontado a respeito de que a instrução pela leitura pode suscitar reflexões sobre a realidade vivida e suas mazelas, o interlocutor reafirma a ideia de respeito às leis humanas, pois é necessário aceitar os males, para tentar minimizar seus efeitos e, consequentemente, aprimorar-se e reconfortar-se, sempre no âmbito do bem. Trata-se de uma resiliência comedida.

Não há motivos para alvoroços e instabilidades em “bons livros”. Um leitor qualquer ou até mesmo outro professor que busque nos aforismos de Berlese motivos para adentrar à leitura literária, certamente, encontrará argumentos favoráveis à ideia de que um livro somente terá qualidade se ele contribuir para a manutenção de uma visão de mundo já cristalizada, e que assim deve permanecer, para o bem da existência humana. Aliás, é com esse pensamento que Berlese encerra sua *Fronde esparsa*:

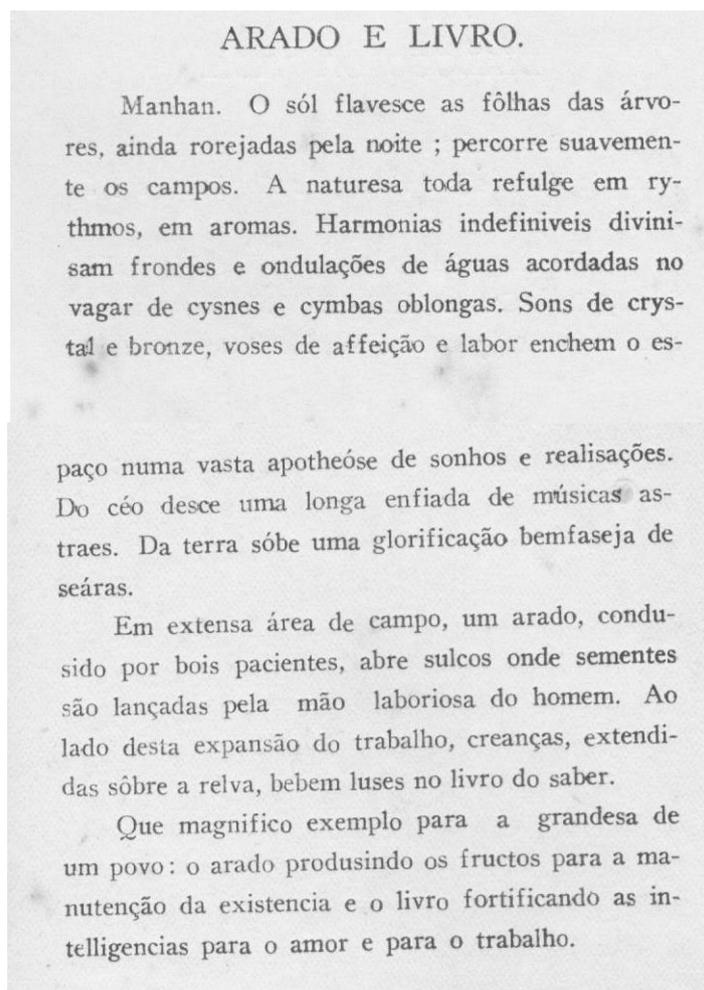


Fig. 3: reprodução de parte das páginas 96 e 97 de *Fronde esparsa*

Realizando um comparativo entre os trabalhos do arado e do livro, o professor registra: “Que magnífico exemplo para a grandeza de um povo: o arado produzindo os frutos para a manutenção da existência e o livro fortificando as inteligências para o amor e para o trabalho” (BERLESE, 1926, p. 97). Através de uma metáfora que se ambienta sob uma atmosfera isenta de perturbações, reforça-se o interesse de que a literatura venha a, simplesmente, plantar as sementes que contribuam para que tudo permaneça como está.

Atualmente, os grandes teóricos da educação, como Paulo Freire, opõem-se veementemente a essa educação repressora do pensar, ao sustentarem que a leitura é um processo dinâmico, científico, estético e ético; em suma, ler é um ato político:

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2011, p. 29)

Conforme as análises dos excertos constataram, a reescrita do mundo por meio da leitura crítica foi algo que Narciso Berlese, em *Fronde esparsa*, rejeitou insistentemente. Seu intuito foi incentivar uma educação escolar reprodutora, massificadora, capaz de resignar e estreitar as mentes para a aceitação de um mesmo estado de coisas. O lampejo de algum incentivo à disseminação da

liberdade de pensamento na prática dos docentes, tal como observado no ensaio “Missão do professorado”, no qual foi afirmado que o papel do professor não se reduz à “transmissão dos conhecimentos de um compêndio: cabe-lhe uma função mais elevada – a educação da mentalidade, do coração e do caráter” (BERLESE, 1926, p. 46), logo se esvaneceu, uma vez que preponderaram nos ensaios de Berlese o discurso favorável a que a escola contribua para a defesa de valores que, em suma, acabem por alienar os estudantes, estimulando-os ao exercício de uma cidadania passiva.

4. Algumas conclusões: Berlese e o diálogo com seu tempo

A presente obra de Berlese, examinada a partir dos parâmetros histórico-culturais de hoje, denota um discurso bastante conservador acerca tanto da prática docente quanto do propósito da leitura na formação dos estudantes. Contudo, trata-se de uma postura que parece condizer com as expectativas daquela sociedade para com a educação escolar. O objetivo que permanece implícito na defesa dos preceitos morais, da importância do respeito à família e do amor à pátria é a tentativa de coibir, desde cedo, uma postura mais crítica e ativa por parte dos jovens em formação, em um regime político igualmente jovem. Afinal, tratava-se de um período pós-Primeira Guerra Mundial, e o país vinha sendo palco de alguns conflitos internos, conforme já registrado.

Semear nos aprendizes a capacidade de contestação e crítica seria, então, opor-se ao regime social vigente, para descontentamento da elite governante – basta lembrar que, além da docência, Narciso Berlese atuava como um auditor para assuntos educacionais, nomeado pelo governo. Nesse sentido, a contribuição desse professor, através de *Fronde esparsa*, está na exposição de preceitos que reforcem o imaginário de que um povo trabalhador e ideologicamente passivo é o que constitui a base de uma nação próspera, moral e economicamente. A educação deve visar, unicamente, ao preparo para o trabalho e, como consequência, ao fortalecimento do país.

Outrossim, é necessário frisar que as análises que empreendi neste trabalho evidenciaram que *Fronde esparsa* não se configura como um manual didático voltado para o ensino do componente curricular “Literatura Brasileira”. Faltam-lhe aqueles traços que assinalam esse teor, como, por exemplo, a formulação de questões aos leitores dos textos apresentados ou mesmo o fornecimento de informações teóricas e críticas acerca do literário. De caráter ensaístico, os textos não trazem assinatura, fazendo crer que sejam todos de autoria do próprio professor Berlese. Todavia, dado o teor moralizante dessas pequenas dissertações, ao que se soma a trajetória de vida de Narciso Berlese como educador, acredito que *Fronde esparsa* deve, sim, figurar como uma obra que, na década de 1920, poderia representar uma referência à educação literária, auxiliando os professores na preparação de suas aulas e, inclusive, servindo como material de apoio às tarefas de leitura dos estudantes. Do mesmo modo que a *Seleção em prosa e verso dos melhores autores brasileiros e portugueses* (1884), de Alfredo Clemente Pinto, manual consagrado nas salas de aula da época, essa obra de Berlese manifesta clara intenção formativa, ainda que os meios pelos quais isso se concretize (as características formais dos textos elencados e a estrutura/organização interna) divirjam bastante.

História e literatura mantêm, entre si, uma relação dialógica e indissociável. O estudo de *Fronde esparsa* permitiu, assim, ratificar a premissa de que tudo é contemporâneo ao seu tempo. Em uma produção de menos de cem páginas, Narciso Berlese foi capaz de se pronunciar sobre os valores que lhe pareciam imprescindíveis à vida escolar, sem motivar qualquer atrito com as ambições políticas para o Brasil daquele momento. Se, na atualidade, é inegável que a razão de ser da leitura é a reconstrução que o sujeito leitor faz de cada texto e, por conseguinte, de si mesmo e do mundo que o rodeia, no contexto de *Fronde esparsa*, entretanto, seria inaceitável edificar um projeto educacional sob o mote da leitura como uma atitude crítica, emancipatória e adversa a qualquer doutrinação.

Referências

BERLESE, Narciso. *Fronde esparsa: moral, educação, psicologia, sociologia, literatura e arte*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.

CARLI, Ranieri. *Educação e cultura na história do Brasil*. Curitiba: Ibpex, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 2011.

LAITANO, José Carlos Ralhano. *História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901-2016) e Parthenon Litterario (1868-1885)*. Porto Alegre: Metamorfose, 2016. Disponível em: www.editorametamorfose.com.br/ebooks/historiacademia.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

PINTO, Alfredo Clemente. *Seleção em prosa e verso dos melhores autores brasileiros e portugueses*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.

SILVA, Francisco de Assis; BASTOS, Pedro Ivo de Assis. *História do Brasil: Colônia, Império e República*. São Paulo: Moderna, 1992.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. São Paulo: Global, 2008.

Recebido em: 13 maio 2018.

Aprovado em: 18 jun. 2018.